



**Operadora:**

Bom dia a todos. Iniciamos neste momento a teleconferência do Banco do Brasil para discussão do resultado do 4T09. Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes, e mais tarde será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas instruções para participação.

Caso precise de ajuda durante a conferência, basta teclar \*0. Cabe lembrar que esta conferência está sendo transmitida ao vivo pelo Portal BB, no endereço [www.bb.com.br](http://www.bb.com.br), site de Relações com Investidores, onde há, inclusive, a possibilidade de visualizar os slides e enviar perguntas que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas ou, posteriormente, por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência, relativas às perspectivas financeiras, constituem-se em meras previsões baseadas nas expectativas da Administração em relação ao futuro do Banco. Essas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do País, do setor e dos mercados internacionais, portanto estão sujeitas a mudanças.

Conosco hoje estão os senhores Eduardo César Pasa, Contador Geral, Marco Geovanne Tobias da Silva, Gerente Geral de Relações com Investidores, Nilson Martiniano Moreira, Diretor de Empréstimos e Financiamentos, José Carlos Vaz, Setor de Agronegócios, René Sanda, Diretor de Gestão de Risco, Renato Donatello, Diretor de Controladoria, Walter Malieni, Diretor de Crédito, e Marcelo Parente, Diretor do Banco Votorantim.

Agora, passo a palavra ao Sr. Marco Geovanne. Por favor, Sr. Marco, pode prosseguir.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Bom dia a todos. Antes de começar a falar especificamente sobre o resultado do Banco, é importante informar que o Banco do Brasil iniciou estudos para a realização de eventual oferta de ações, e antes de investir em ações do Banco do Brasil, leiam cuidadosamente o prospecto, em especial a seção Fatores de Risco.

O resultado de R\$10 bilhões no exercício corrobora as decisões estratégicas tomadas pelo Banco em resposta às oportunidades apresentadas em 2009, mantendo o foco da Empresa durante todo esse período na atividade produtiva. Ou seja, o Banco do Brasil apostou na concessão do crédito como carro-chefe dos seus negócios.

Nós aumentamos a nossa participação de mercado e consolidamos a liderança em segmentos importantes da indústria, a despeito do posicionamento dos nossos concorrentes.

Como consequência, no mercado de crédito, por exemplo, nós mantivemos a marca histórica de 20,1% de participação no mercado, ultrapassando R\$300 bilhões emprestados, respaldados pelo expressivo crescimento da nossa captação. O Banco do Brasil retomou também sua liderança na indústria bancária, registrando ativos totais de R\$708,5 bilhões.



Ao longo de 2009, em complemento a essa estratégia vencedora de crescimento orgânico, é importante também lembrar que fizemos importantes movimentos de aquisições de parcerias, como o Banco Nossa Caixa, e também a aquisição de 50% de participação no capital do Banco Votorantim, por meio da qual o Banco do Brasil passou a ser um importante *player* no financiamento à aquisição de veículos.

Além das conquistas no segmento de *banking*, apresentamos crescimento importante nos segmentos de cartão de crédito, de seguros, sem esquecer de mencionar os ganhos crescentes na área de mercado de capitais.

Além das diversas frentes negociais para as quais temos voltado nossa atenção, não abrimos mão da nossa disciplina em identificar constantemente oportunidades para ganhos de produtividade. Nós conseguimos expandir as receitas operacionais e as despesas administrativas foram mantidas sob controle; nós repetimos a trajetória dos anos anteriores, melhorando nosso índice de eficiência de forma consistente.

O desempenho do Banco confirmou a grande maioria das estimativas que constam do nosso *guidance* oficial divulgado ao mercado no início de 2009, e também é importante ressaltar o lançamento do nosso programa de ADR de nível 1, que com pouco mais de dois meses lançado, hoje já possui mais de 4 milhões de ADRs emitidas.

Finalizando esses breves comentários, é importante destacar que a confiança na segurança e solidez do Banco do Brasil permitiu que ampliássemos a nossa base de clientes em 9,7%, finalizando o ano com mais de 52 milhões de clientes.

Vamos, então, passar para a análise das lâminas do nosso resultado, mas antes de entrar especificamente nas lâminas, cabe aqui uma explicação em relação à apresentação dos números do Banco do Brasil para o 4T09, explicação esta em relação ao tratamento que foi dado aos ganhos atuariais da Previ referentes ao ano de 2009.

Com base no parágrafo 55 da deliberação CVM 371 de 2000, o Banco do Brasil decidiu adotar, a partir do encerramento do exercício de 2009 e para os anos seguintes, em bases consistentes e recorrentes, o reconhecimento mais rápido dos ganhos e perdas atuariais relativos ao Plano de Benefício Definido 1 da Previ, plano este que encontra-se fechado desde 1998.

No entanto, para permitir a comparabilidade do resultado do 4T com os trimestres anteriores, o Banco do Brasil decidiu não ajustar o resultado trimestral recorrente em função desse reconhecimento, permitindo aí um entendimento melhor do desempenho ao longo de todos os trimestres de 2009. Todavia, para análise do resultado do ano de 2009, o reconhecimento dos ganhos atuariais da Previ foi levado em consideração.

Dadas essas explicações, vamos então dar sequência à nossa teleconferência, passando para o slide número três da nossa apresentação, onde podemos ver a evolução do lucro e da rentabilidade do Banco.

Em 2009, o lucro societário foi de R\$10 bilhões, correspondendo a um retorno sobre o patrimônio líquido anualizado de 30,7%. Se considerados os efeitos extraordinários, o resultado do ano foi de R\$8,5 bilhões e o retorno sobre o patrimônio líquido, de 25,8%, aqui considerando os reconhecimentos atuariais da Previ, que eu mencionei anteriormente.



Na visão trimestral, o lucro líquido alcançou mais de R\$4 bilhões e o recorrente ficou em R\$1,819 bilhão, que correspondeu a um retorno sobre o patrimônio líquido anualizado de 22,5%.

No slide número quatro, elencamos todos os efeitos extraordinários que impactaram o resultado do Banco do Brasil em 2009. Esses efeitos adicionaram ao resultado do trimestre R\$2,3 bilhões, líquidos de efeitos fiscais e participação nos lucros. E já na visão anual, esse efeito extraordinário passa a ser de R\$1,6 bilhão, o que nos leva ao resultado recorrente de R\$8,5 bilhões, que eu já mencionei.

Passando para a lâmina número cinco, fazemos uma avaliação da atuação do Banco do Brasil em 2009 com base nas estimativas que divulgamos no início do exercício. Na visão *stand alone*, em quatro itens, o Banco do Brasil atingiu praticamente todas as estimativas apresentadas, exceto por alguns itens, como, por exemplo, spread global bruto, que apresentou uma taxa de 6,5% em 2009, enquanto as nossas estimativas apresentavam um intervalo entre 6,8% e 7,2%. Os depósitos totais apresentaram um crescimento de 5,4%, enquanto as estimativas deram um intervalo de crescimento entre 10% e 14%; as despesas com provisões sobre a carteira média apresentaram um indicador de 4,6%, 40 b.p. acima do limite máximo das estimativas; e a taxa de imposto encerrou o ano com 33,5%, também 50 b.p. acima do limite máximo das estimativas.

O fato de não termos atingido a estimativa para spread global na visão *stand alone* foi influenciado principalmente pela alteração no *mix* da carteira de crédito, com aumento da participação relativa de operações com menor risco associado e, conseqüentemente, com menores spreads, e também pelo aumento da participação no total de ativos das aplicações interfinanceiras de liquidez, fruto do crescimento forte das captações em uma visão global.

O não-cumprimento do *guidance* para depósitos totais na visão *stand alone*, pelo contrário, foi motivado principalmente pela consolidação das aquisições, especialmente do Banco Nossa Caixa, que somou R\$39,8 bilhões a base de depósitos do Banco do Brasil, minimizando então a necessidade de captação do Banco do Brasil em termos orgânicos.

Ainda na visão *stand alone*, o crescimento da provisão para créditos de liquidação duvidosa, acima do estimado, pode ser explicado pela conjuntura econômica; houve sem dúvida alguma um crescimento da inadimplência, que demandou um volume maior de provisões. E também tem os efeitos de provisões fruto das incorporações de Nossa Caixa e Votorantim.

Por último, ainda em relação às estimativas não-atingidas, no *guidance* do Banco do Brasil, na visão *stand alone* a taxa de imposto ficou um pouco acima do proposto, além da questão dos créditos tributários que foram em sua totalidade reconhecidos no início deste ano em função da majoração da alíquota da contribuição social para o lucro líquido, você teve também o reconhecimento dos ganhos atuariais da Previ, que aumentou o impacto do Imposto de Renda no resultado do Banco do Brasil.

Por outro lado, vale destacar aqui que na linha de retorno sobre o patrimônio líquido recorrente, que atingiu 24,5%, ficamos acima do topo do intervalo do nosso *guidance*. Podemos destacar também o crescimento da nossa carteira de crédito, que foi totalmente em linha com o intervalo de crescimento apresentado no início do ano; e se



olharmos a visão consolidada do Banco do Brasil, superamos significativamente a projeção de crescimento do crédito no Banco do Brasil.

E por último, não podemos deixar de falar neste slide do comportamento das nossas despesas administrativas, que foi completamente em linha com as estimativas apresentadas no início do ano. Na visão consolidada, o crescimento acima do *guidance* é explicado pela incorporação tanto da nossa caixa como também do reconhecimento da nossa participação no Banco Votorantim.

As informações constantes no slide número seis demonstram claramente que a estratégia do Banco durante a crise financeira, em continuar ofertando crédito foi correta. Mais uma vez, aqui vale destacar a liderança na concessão de crédito no País, a nossa participação cresceu para 20,1%, amparado principalmente pela expansão do crédito de pessoa física, que registrou um crescimento histórico de 88% nos últimos 12 meses.

Encerramos também, entre outras lideranças, como líder em ativos, captações totais, depósitos à vista, administração de recursos de terceiros, comércio exterior. E olhando para o slide número sete, vemos que em 2009, impulsionados pela expansão de mais de 33% no crédito, mais uma vez chama a atenção o crescimento dos nossos ativos.

Os ativos totais do Banco cresceram 35,9%, ultrapassando a casa dos R\$700 bilhões; o Banco retomou a liderança neste ano. Lembramos aqui que a Nossa Caixa e a participação de 50% do Banco Votorantim já estão consolidados nestes números, e qualquer informação do Banco do Brasil na visão *stand alone* será devidamente destacada ao longo desta teleconferência.

Passando para o slide número oito, podemos ver que, apesar do desafio imposto pela conjuntura, o Banco do Brasil manteve sua rentabilidade sólida, acima do patamar de 20%. Em 2009, o lucro recorrente do Banco, de R\$8,5 bilhões, representou um retorno de 25,8%; a margem financeira bruta, que foi uma das principais responsáveis pela manutenção da rentabilidade do Banco, atingiu R\$33,1 bilhões; o nosso spread continuou sua tendência declinante e encerrou o ano em 6,7%; a geração de receitas não-financeiras, as chamadas receitas de prestação de serviços, totalizou R\$13,5 bilhões; e o Banco manteve um controle dos seus custos permitindo a melhoria da nossa eficiência, que encerrou o ano em 40,7%.

Falando agora sobre a formação do resultado financeiro, no slide nove podemos ver a evolução da margem financeira bruta do Banco, que apresentou expansão perto de 35% em relação a 2008, impulsionado principalmente pelo crescimento forte das receitas com operações de crédito, crescimento de 20%, e pela queda das despesas da intermediação em 4%, queda esta refletida pelo menor nível de taxas de juros da economia e também pelo efeito da valorização do Real sobre o USD, que acabou reduzindo o custo das nossas captações no exterior.

É importante notar que no 4T09 a margem financeira bruta teve um crescimento de 12% em relação ao 3T, somando R\$9,3 bilhões, influenciado aqui pela consolidação também dos números do Banco Votorantim. Na visão *stand alone*, a evolução da margem financeira bruta do Banco do Brasil no 4T em relação ao trimestre anterior teria sido de 5,2% de crescimento.



Mais uma vez, a expansão das receitas com crédito no Banco do Brasil foi assegurada pelo aumento dos volumes médios das operações de crédito, compensando o comportamento dos spreads.

Passando para o slide número dez, podemos ver que a expansão da margem foi suportada pelo crescimento das nossas captações, e aqui também vemos o comportamento do custo de funding em relação à taxa Selic. Enquanto verificamos incremento de quase 38% no saldo da captação total do Banco do Brasil em 12 meses e de 3,7% no último trimestre, vemos que o custo da captação total em relação à Selic subiu 690 b.p. na comparação anual e 410 b.p. na relação do 3T.

Nós podemos verificar ainda, no gráfico abaixo à direita, que o saldo dos depósitos a prazo apresentou uma ligeira queda de 60 b.p. na comparação do trimestre; todavia estes depósitos apresentaram um crescimento forte no ano, de 29%.

E o importante é destacar que o Banco do Brasil continua apresentando custos competitivos de captação, devido não só à sua capacidade de crescer as captações em ritmo superior ao da indústria, mas também em função da sua franquia e da sua imagem perante o mercado, que tem proporcionado a sustentabilidade do crescimento dos nossos negócios.

Passando para o slide número 11, podemos ver tanto na visão ano, quanto na visão trimestral dos últimos 12 meses, o comportamento do spread do Banco por carteiras e também do spread global, e uma comparação em relação à Selic acumulada no período.

Em síntese, acho que vale a pena destacar que o foco no crédito ao consumo tem garantido uma maior resiliência do spread do Banco do Brasil em relação à trajetória da Selic. Nos gráficos do lado esquerdo da lâmina, verificamos o comportamento dos spreads por carteira, e este comportamento foi distinto: enquanto as carteiras de pessoa jurídica e de agronegócios apresentaram leve crescimento de seu spread em relação a 2008, a carteira de pessoa física manteve sua tendência declinante, encerrando o ano em 18,7%.

Se eu ajustar este spread com a realocação das receitas com tarifas das operações de crédito do Banco Votorantim, esse spread global passaria para 18,9% na visão ano e 19,4% na visão do 4T.

A contração dos spreads na carteira pessoa física, tanto na visão anual quanto na trimestral, ocorre em razão principalmente da concentração naquelas operações com menor risco associado, e que também trazem menor margem, como o crédito consignado e o financiamento a veículos.

Do lado direito do slide, podemos ver o comportamento do spread global do Banco calculado pela margem financeira bruta sobre os ativos rentáveis. Esse spread manteve-se relativamente estável em relação ao 3T09.

Uma forma interessante de analisarmos o desempenho desse spread é compará-lo à Selic acumulada no período. Por essa métrica, podemos verificar que o Banco tem crescido o retorno da sua intermediação financeira em relação à taxa básica de juros acumulada, principalmente a posição do crescimento do crédito.





Em 2008, ano em que a Selic acumulada anualizada correspondeu a 12,5%, a relação spread global/Selic acumulada ficou em 55,8%, e já nos 12 meses de 2009 essa relação ficou em 67%, o maior patamar dos últimos cinco anos. Aqui, também já estamos considerando todas as consolidações.

É importante lembrar a vocês que o Banco do Brasil tem obtido êxito na compensação dessa queda na Selic em função do crescimento do crédito, sem dúvida alguma.

Passando para o slide número 12, podemos ver a evolução da carteira de crédito do Banco do Brasil. O crédito a pessoas físicas chega perto de R\$100 bilhões e o saldo da carteira total de crédito ultrapassa R\$300 bilhões, um crescimento de 33,8% em 12 meses.

Conforme eu já falei no slide seis, esse desempenho levou o Banco a crescer e ampliar a sua participação no mercado para 20%; é uma participação histórica. Continuamos crescendo no sistema financeiro. E eu chamo a atenção para a evolução do crédito a pessoas físicas, que aumentou sua participação relativa na carteira de crédito total, de 21,7% em 2008 para 30,5% do crédito total do Banco em 2009.

No slide 13, podemos ver mais detalhadamente o crescimento do crédito no Banco do Brasil, na visão orgânica e também fruto das aquisições. Se excluirmos a incorporação da Nossa Caixa e o Banco Votorantim, o crescimento orgânico da carteira de crédito no Banco do Brasil foi de 15,6% em 12 meses, acima dos 14,9% registrados pelo sistema financeiro nacional. E no trimestre, esse crescimento orgânico foi de 5,8%, também superior ao crescimento da indústria no período, que foi de 4,6%.

Em relação à parceria firmada com o Votorantim, um incremento de R\$21,2 bilhões na carteira de crédito do Banco corrobora essa perspectiva favorável para essa parceria com o Votorantim, crescimento este focado principalmente no financiamento a veículos.

Passando para o slide número 14, agora nós fazemos uma abertura das operações de crédito a consumo, que cresceram 88% em 12 meses, 7% no trimestre, que levou o Banco do Brasil a conquistar 22,9% desse mercado.

Esse desempenho continua sendo impulsionado pela expansão das carteiras de crédito consignado e financiamento a veículos, que apresentaram forte crescimento. Em 12 meses crescemos a carteira de consignado em mais de 107%, na visão trimestral esse crescimento ficou na casa dos 7%.

E o Banco do Brasil com o Votorantim somam R\$36 bilhões em consignado, mais de 30% do mercado. No financiamento a veículos, demos um salto, crescendo 200%, demonstrando aí o acerto dessa parceria com o Votorantim, que somou o volume expressivo de financiamento a veículos na nossa carteira.

No slide número 15, vemos a evolução do crédito concedido a pessoa jurídica, que alcançou R\$125,6 bilhões de saldo. Destaque aqui para as operações com micro e pequenas empresas, que cresceram 28,7% em um ano e 8,9% no trimestre. As operações com médias e grandes empresas apresentaram um crescimento de 29% nos últimos 12 meses e 6% no trimestre. Vale ressaltar que a aplicação de uma visão de longo prazo no relacionamento com nossos clientes que levou a estratégia do Banco do Brasil a suprir as necessidades de financiamento junto ao segmento de pessoa jurídica em meio à crise, garantiu não só o crescimento dos negócios com



esse segmento, como também uma melhoria da rentabilidade com esses clientes, como já vimos no slide em que falamos sobre o spread.

Passando agora para o slide número 16, apresentamos a evolução do saldo das operações de financiamento ao comércio exterior. Esse saldo terminou 2009 em R\$25,2 bilhões, uma ligeira queda comparado com 2008 em função, principalmente, da valorização do Real em relação ao USD.

Se nós analisarmos a carteira em USD, percebemos aí uma expansão de 29,3% em 12 meses, e de 5,8% no trimestre. É importante destacar que o Banco do Brasil é líder no mercado de câmbio de exportação e importação, com participações de 31,4% e 25,4% no mercado, e desembolsos no período de US\$47 bilhões na parte de exportação e US\$34 bilhões em importação no ano de 2009.

Em relação aos negócios de ACC e ACE, o Banco do Brasil alcançou uma participação de mercado de quase 35%.

No slide 17, podemos ver que o Banco permanece como o maior financiador do agronegócio brasileiro, com um saldo de R\$66 bilhões na carteira, um crescimento de 4,2% em 12 meses, em linha com o *guidance*, e esse volume de crédito representa cerca de 60% de todo o crédito do sistema financeiro aos segmentos do agronegócio no País.

Para a safra 2009/2010, o Banco do Brasil espera destinar R\$39 bilhões ao segmento, dos quais cerca de R\$22 bilhões já foram liberados.

No slide 18, trazemos informações que nos permitem manter uma maior tranquilidade em relação ao agronegócio. No lado esquerdo da lâmina nós mostramos o percentual de operações de custeio agrícola contratadas com seguro na safra 2009/2010; do total de R\$11,2 bilhões de custeio contratado 67% foram segurados contra 62% na safra 2008/2009. E desse total segurado, é importante dizer que 90% está amparado por resseguro junto a resseguradoras que estão indicadas no gráfico de pizza abaixo, à esquerda.

Do lado direito nós trazemos a distribuição geográfica do seguro agrícola sobre a carteira de custeio agrícola por região. Centro-Oeste, Sul e Nordeste apresentam os maiores percentuais de concentração desses seguros. O Sudeste, por sua vez, apresenta o mais baixo nível de seguro em função de culturas plantadas naquela região que não são contempladas por seguro agrícola, como a cana-de-açúcar, por exemplo.

Passando agora para o slide de número 19, nós vemos o gráfico à esquerda, que as despesas de provisão registraram retração de 2,2% no trimestre. A relação entre despesa de 12 meses e a carteira média no período alcançou 4,6%, uma ligeira queda comparada com o trimestre anterior. No gráfico acima à direita verificamos que as despesas com provisão, do Banco do Brasil, no ano cresceram 61%. Esse crescimento foi maior do que a expansão da nossa carteira de crédito. Parte desse aumento é oriunda da incorporação do crédito proveniente do Banco Nossa Caixa e do Banco Votorantim. Mas grande parte foi devida ao fato de que ao longo do ano o cenário econômico se deteriorou, a inadimplência se elevou e o Banco do Brasil, conservadoramente, reforçou suas provisões.



As operações vencidas há mais de 90 dias, que estão aí mostradas na linha amarela do gráfico inferior à esquerda, passaram de 3,6% para 3,3%, demonstrando uma melhoria da inadimplência no último trimestre do ano, ou seja, de fato a crise passou, já atingimos o pico da inadimplência. Aí esse percentual se mantém abaixo do apresentado pelo sistema financeiro, que está em torno de 4,4%.

Olhando agora para o slide de número 20, podemos observar que ao longo dos últimos anos a inadimplência do Banco do Brasil tem se mantido abaixo do sistema financeiro nacional. Nas operações com pessoas físicas, no gráfico do alto à esquerda, o atraso acima de 90 dias do sistema apresentou decréscimo de 40 b.p., saindo de 8,2% em setembro de 2009 para 7,8% em dezembro. E o mesmo decréscimo foi apresentado pelo Banco do Brasil, que reduziu essa inadimplência de 5,2% em setembro para 4,8% em dezembro.

Na visão da pessoa jurídica, na parte do gráfico acima à direita, verificamos um decréscimo também trimestral de 20 b.p. nos índices de atraso acima de 90 dias, nas operações do sistema financeiro nacional e do Banco do Brasil, confirmando o nosso entendimento de que o pico dessa inadimplência já aconteceu.

O importante a ser destacado neste slide também é que os índices de inadimplência pessoa física e jurídica do Banco do Brasil estão abaixo da média do mercado, mostrando a consistência da nossa política de crédito. Além disso, é importante destacar que os índices de atraso do Banco Votorantim também estão melhores do que os do sistema financeiro nacional, confirmando a qualidade da carteira daquele banco.

No slide número 21, apresentamos a inadimplência da carteira pessoa física por safra, aqui considerando o crédito para pessoas físicas exceto cheque especial, cartões e financiamento a veículos. Podemos observar que o aprimoramento das metodologias de concessão de crédito no Banco do Brasil, bem como a mudança no *mix* dessas operações têm permitido a redução do índice de atraso na carteira ao longo da safra.

Destacados pelos *boxes* em cinza estão as cessões de crédito que foram feitas das operações na safra 2006/2007.

Passando para o slide de número 22, podemos ver a contribuição dos negócios não-bancários para o resultado do Banco, especialmente as receitas com prestação de serviços, que totalizaram R\$13,5 bilhões em 2009, um incremento de 14,4% em relação ao ano de 2008. Ainda neste slide podemos ver no gráfico à esquerda o desempenho do faturamento de cartões, que apresentou um significativo incremento em torno de 34%. E no gráfico à direita o valor agregado dos nossos negócios com seguridade. Valor agregado que expandiu em quase 31% na comparação anual.

No slide número 23, podemos observar que as despesas administrativas estão em linha com o crescimento dos negócios e também das aquisições que fizemos. As despesas administrativas totais, que incluem despesas de pessoal e outras despesas administrativas, apresentaram um incremento de 11% na comparação trimestral, somando R\$5,5 bilhões no último trimestre do ano. Esse incremento pode ser explicado pela data-base, que apresentou aumento salarial aos bancários no Brasil, e também aumento sazonal de despesas no 4T.

De janeiro a dezembro, o crescimento das despesas de 24% em relação ao mesmo período em linha com o crescimento desses negócios, mas é importante olharmos a





visão do Banco do Brasil *stand alone*. Então, quando nós passamos para o slide número 24, nós entendemos melhor as causas do incremento das despesas na visão 12 meses, e assim também podemos explicar melhor a nossa decisão de manter o *guidance* do Banco do Brasil na visão *stand alone* para um crescimento de despesa entre 9% a 12%.

Nós podemos observar nesta tabela que os valores gastos com as aquisições, as despesas administrativas provenientes do Banco Votorantim e da Nossa Caixa, somaram cerca de R\$2,29 bilhões em despesa. Esse valor, se fosse descontado do montante das despesas contabilizadas no período, levaria então as despesas administrativas do Banco do Brasil, na visão *stand alone*, não a R\$19 bilhões em cima de R\$16,8 bilhões, que comparado com o volume contabilizado em 2008 apresenta um crescimento, então, de 10% totalmente em linha com as estimativas que apresentamos ao mercado no início de 2009.

No slide número 25 podemos ver que o índice de capital encerrou o ano em 13,7%. Esse patamar, um incremento de 70 b.p. em relação ao trimestre anterior foi fruto das captações que fizemos, R\$1 bilhão em CDB subordinado, emissão também de perpétuos de US\$1,5 bilhão, sendo que o BACEN considerou esse perpétuo como elegível para capital de nível 1.

Trazemos, agora, no slide número 26 a comparação entre os múltiplos do Banco do Brasil e a média dos nossos pares que são negociados no mercado. Embora as ações do Banco do Brasil tenham tido uma valorização acima do mercado ao longo do ano de 2009, ainda persiste esse desconto em relação aos nossos pares, desconto que tem diminuído mas ainda é expressivo, o que pode indicar que existe um valor não reconhecido nos nossos múltiplos, apesar da consistência dos resultados apresentados pelo Banco do Brasil ao longo dos trimestres e dos anos que passaram.

Em que pese esse desconto, cabe destacar ainda que neste slide a valorização dos papéis em 2009 ultrapassou a casa dos 102%, ele tem uma rentabilidade acima do Ibovespa e dos principais concorrentes, e a questão do ADR, como eu já citei no início da nossa conversa, já ultrapassamos 4 milhões de ADRs emitidos.

Nos próximos dois slides, antes de encerrarmos a discussão da apresentação da teleconferência e abrir para o debate, nós vamos falar então das premissas que estão norteando a definição do *guidance* do Banco do Brasil para 2009. Nós relacionamos, tanto no slide número 27 como no slide número 28, as premissas que podem ser influenciadas pela auto-administração, no slide número 27. E no slide número 28, aquelas que fogem ao controle do Banco do Brasil, perspectiva esta para 2010.

Uma vez isto colocado, vamos, então, diretamente ao *guidance*. É importante lerem essas premissas, por favor. O *guidance*, então, na página 29, nós apresentamos e esperamos para 2010 o Banco do Brasil continuar entregando um retorno sobre patrimônio líquido recorrente entre 21% e 24%, esperamos o nosso spread global bruto permanecendo entre 6,5% e 7%, dependendo do comportamento das taxas de juros na economia ao longo de 2010.

Crescimento de depósitos totais entre 12% e 16%, o crescimento do crédito entre 18% e 23% no total; o Banco do Brasil vai lutar para manter sua participação de mercado no patamar de 20% ao longo de 2010, mesmo sabendo do aumento da concorrência prevista para este ano, um foco maior de crescimento na pessoa física. Aqui estamos



colocando um *range*, intervalo entre 27% e 32%. Pessoa jurídica crescendo de 16% a 21%, dependendo muito do comportamento do mercado de títulos privados.

Agronegócio, uma expansão no saldo de 4% a 9%. Despesas de provisão sobre a carteira média permanecendo em um patamar de 4,4% a 4,8%. Crescimento de tarifas em um intervalo maior do que o que nós esperávamos no ano passado, ou seja, um crescimento de 7% a 10%, mantendo despesas administrativas, ampliando a expansão dos negócios em um patamar de 10% a 12%, aumentando também a nossa taxa de imposto para um patamar de 31% a 34%.

É importante ressaltar que esses *guidances* já incluem a visão do conglomerado Banco do Brasil, incluindo aí a consolidação completa dos números da Nossa Caixa e de 50% do Banco Votorantim.

Isto posto, podemos então passar agora para a sessão de perguntas e respostas.

**Jorg Friedman, Merrill Lynch:**

Bom dia a todos. Obrigado pela oportunidade. Queria, antes de mais nada, parabenizar a atitude rápida da equipe de RI do Banco do Brasil, que trouxe um comunicado ao mercado amenizando algumas notícias que poderiam causar algumas distorções em relação à percepção sobre a oferta que já foi anunciada de acordo com Fatos Relevantes passados.

E em relação a este tema, eu gostaria de fazer, então, a minha primeira pergunta: nós percebemos ao longo do trimestre uma melhora no índice de Basileia, tanto por um reconhecimento dos *bonds* perpétuos para efeito de *tier 1*, como também acredito que com uma influência positiva em relação aos bens atuariais advindos da Previ.

Eu gostaria de entender, com base nesse balanço um pouco mais forte, se o senso de urgência da oferta poderia eventualmente diminuir. Há, por exemplo, alguma limitação legal por conta de eleições presidenciais neste ano de a oferta secundária acontecer no 2S? Esta é minha primeira pergunta.

A minha segunda pergunta é relacionada a uma observação que eu fiz em relação às baixas para crédito no *agribusiness*, acelerando de maneira significativa nesse 4T para R\$944 milhões versus cerca de R\$500 milhões no 3T. E eu noto que créditos renegociados ainda possuem um impacto significativo no balanço do Banco, são cerca de R\$12 bilhões com quase R\$2 bilhões no nível H, que é o nível anteriormente imediato para prejuízos.

Queria entender se vocês podem continuar nesse ritmo de baixas mais aceleradas na carteira de *agribusiness* e se vocês eventualmente poderiam utilizar o que já existe de provisão específica para essa carteira, ou vocês aumentariam aí o fluxo de provisão para a carteira de *agribusiness* ao longo do ano de 2010. Obrigado.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Bom, Jorg, obrigado pela tua pergunta. Eu vou pedir ajuda do nosso Diretor de Gestão de Risco, para falar um pouco sobre Basileia. Depois do nosso Diretor de Agronegócios e Crédito também para falar sobre a carteira de agronegócios e as perspectivas de utilização de provisão.



Mas antes de passar a palavra para eles, é importante reafirmar que encontra-se em estudos uma proposta de aumento de capital do Banco do Brasil entre R\$8 bilhões e R\$10 bilhões, e paralelamente o acionista controlador, junto com o BNDESpar, está avaliando uma possível oferta secundária de ações ao mercado em um patamar de cerca de 5% do capital total, com o objetivo de aumentar o *free float* do Banco do Brasil ao nível exigido pelo Novo Mercado, que é no mínimo 25%.

Não temos decisão qualquer, até o momento, sobre seja uma oferta secundária para aumento do *free float* por parte dos acionistas controladores, ou de uma oferta primária e um aumento de capital aos acionistas existentes, até porque é uma decisão de aumento de capital e necessariamente deve ser avaliado e aprovado em um âmbito de assembleia de acionistas.

Então, continuamos no aguardo e nós desconhecemos qualquer limitação legal a respeito de fazer oferta ou não, o aumento de capital em épocas de eleição. Claro que o nosso intuito é de quanto mais rápido melhor.

Agora, eu gostaria de passar a palavra ao René, para ele falar um pouco sobre a estrutura da Basileia do Banco e a perspectiva dele dessa Basileia, dada a expectativa de crescimento do Banco do Brasil nos ativos.

**René Sanda:**

Bom, obrigado, Geovanne. Como vocês devem ter visto, nós fechamos dezembro com um índice de Basileia de 13,7%. O único fato relevante de que a gente tem notícia para o ano de 2010 com relação ao k é uma dedução da provisão excedente que vai atingir todo mercado a partir de abril. Então, essa provisão excedente é aquela história de você não mais poder somar ao seu patrimônio de referência a provisão adicional que você constituiu.

No Banco do Brasil isso dá um impacto em torno de 0,6%. Aqui no Banco nós temos uma diretriz definida até pelo Conselho de Administração, de tentar manter o k do Banco em um nível mínimo de 13%, ou seja, 2 p.p. acima do mínimo regulatório. E mesmo que essa capitalização que o Geovanne mencionou não ocorra, a gente tem vários outros instrumentos que podem ser utilizados e foram utilizados durante o ano de 2009 para cumprir essa diretriz do nosso Conselho de Administração.

Então, só para nós termos alguns números, de acordo com a estrutura de capital que nós temos atualmente, nós temos margem para emitir capital Nível 1 através de instrumentos perpétuos no valor de R\$3,6 bilhões, e temos margem para emitir dívidas subordinadas também no mesmo patamar, R\$3,4 bilhões. Esses valores são mais do que suficientes para suportar esse crescimento de crédito que o nosso *guidance* está prevendo para 2010.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Obrigado, René. Para responder sobre a questão da perda das provisões, eu gostaria de inicialmente passar a palavra para o nosso Diretor de Crédito, Walter Malieni.

**Walter Malieni:**

Bom dia, tudo bem? Em relação à aceleração que houve no 4T, comentada por você, ela é fruto na realidade de uma destrava que houve no conjunto de operações que



estavam travadas [ininteligível], que é o 11.775. Essa destrava aconteceu mais ou menos no mês de julho e agosto e eram dívidas que estavam com os seus riscos congelados, visando uma renegociação. Essas dívidas datam desde março de 2008 e vinham sendo negociadas; sobrou um conjunto final, um conjunto residual que foi destravado agora no 2S e, com isso, houve essa elevação das perdas no 4T, por isso se deu essa destrava.

No que se refere à questão das provisões, que você comentou, eu não sei te dizer que [ininteligível] das provisões excedentes, o nosso é um modelo que já tem um ano em uma média histórica de cinco, que a gente dá. Nós fazemos o [ininteligível] semestralmente.

Então, esse [ininteligível] com determinado produto, não há essa possibilidade. O que a gente tem feito, na realidade, é sobre o conjunto de todos os nossos produtos, a partir daí nós vamos verificar [ininteligível] se há a necessidade de se aumentar a provisão ou se reduzir. Então, reverter a provisão para [ininteligível] de determinado produto ou segmento, não vejo como algo razoável em função do modelo que nós já vimos adotando há um ano.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Eu gostaria de saber se o José Carlos, o nosso Diretor de Agronegócios, poderia também tecer alguns comentários, José, sobre o impacto dessa baixa na qualidade da carteira, a carteira nova do agronegócio. É importante você tecer alguns comentários para os nossos analistas e investidores.

**José Carlos Vaz:**

Bom dia. Na verdade, a gente está fazendo a limpeza final da carteira agravada pelos problemas que ocorreram em 2005 e 2006 no agronegócio brasileiro, e desde aquela primeira teleconferência específica que a gente fez sobre agronegócio, nós adotamos algumas práticas em conjunto com a RI, diretores de agronegócio e crédito de RI principalmente, que é no sentido de propiciar aos analistas a maior abertura possível sobre a característica dessa carteira, a carteira não prorrogada, carteira nova que está sendo formada. A carteira que estava prorrogada houve um processo de renegociação com a abertura dos seus devidos riscos e a sinalização das tendências e das ações que o Banco ia fazer. E acreditamos que fechamos 2009 justamente coroados, então, com aquilo que nós finalizávamos a cada demonstração de resultados, cumprimos.

Então, finalizamos um momento no início de renegociações, de prorrogações, de aumento de provisões de forma bastante conservadora, não só para atender as especificações da resolução 2682 do Banco Central, mas também para demonstrar a solidez dos resultados do Banco frente a eventuais riscos que a carteira de agronegócios pudesse tomar, em termos efetivamente grandes, até pelo relativo desconhecimento que se tem sobre a atividade rural no país. Então, fizemos as provisões, fizemos as renegociações, depois passamos a informar que existia ao longo de 2009 finalização dessas prorrogações registradas, que foi informado pelo Walter Malieni, e começamos a apresentar as duas carteiras, a carteira não prorrogada, a carteira nova, e a carteira prorrogada.

Na página 102 nós já fazemos alguma abertura do que são operações não prorrogadas e das operações prorrogadas. E aí vai se ver que nós temos em atraso nas operações prorrogadas um total de R\$1,044 bilhão. Eu diria que esse é o



potencial máximo de perdas desta carteira prorrogada. Tabela 87 da página 102, não temos expectativas de —

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Alô, José, está cortando aqui para mim. A tabela 87 da página 104 do relatório de análise de desempenho do Banco do Brasil, correto?

**José Carlos Vaz:**

Tabela 87, página 102. Então vamos retomar, tabela 87 da página 102, traz o valor da inadimplência total da carteira prorrogada em 31 de dezembro de 2009, R\$1,044 bilhão. Nós não temos expectativas de que essa carteira possa apresentar inadimplência superior a essa, então a perda que vier a ser contabilizada desta carteira, será no máximo de R\$1,044 bilhão, próximo disso, com tendência a uma pequena melhora. Mas diríamos que esse patamar para o 1S10, representa mais ou menos o que a gente deverá apresentar de perdas nesse processo de finalização da limpeza do declínio da carteira de agronegócio do Banco. E teremos cada vez mais preponderantemente as operações novas e não prorrogadas com melhoria de riscos.

É importante “linkar” isso: o fato de estar com risco H não significa que ela vai se transformar em perda. É preciso lembrar que a resolução do Banco Central estabelece que uma operação, quando prorrogada, se congela no risco em que estava no momento da prorrogação. Por isso que nós temos um valor maior de risco H aí nessa carteira do que efetivamente pode vir a se transformar em perda.

Continuamos agregando mitigadores, estamos fazendo uma abertura cada vez maior do perfil de risco da carteira nova. Não há perspectiva de sobressalto de risco da carteira em 2010. Teremos algum problema de comercialização, problema de clima, alguma coisa de câmbio, mas dentro da normalidade da cadeia produtiva. Não há expectativas com relação a isso.

Então, respondendo a pergunta, eu diria para você que no 1S10 a gente terá um perfil de perdas na carteira de agronegócios predominantemente de operações prorrogadas e não renegociadas de por volta de R\$1 bilhão no máximo, o que é similar ao que ocorreu no 2S09. E aí encerra-se definitivamente esse episódio das prorrogações e das inadimplências do ciclo 2005/2006. Obrigado.

**Jorg Friedman:**

Obrigado. As respostas estão perfeitas, José Carlos, Walter e René. Geovanne, só um esclarecimento adicional: na página 27, com as tuas premissas que foram influenciadas pela administração para definição do *guidance*, eu notei o reconhecimento de grandes perdas atuariais da Previ. Vocês têm alguma expectativa de valor de quanto isso pode influenciar no resultado do Banco e como isso afeta o ROE recorrente de vocês?

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Jorg, nós ainda estamos avaliando o que significa o reconhecimento de decisões de perdas atuariais em bases recorrentes, e eu não sei se o nosso contador gostaria de fazer algum tipo de comentário. Duda, seria importante você explicar um pouco.





E tão logo tenhamos uma visão melhor, porque isso envolve questões atuariais, que são difíceis de serem estimadas, questões também de indicadores, de correção das obrigações desse fundo e da evolução também dos ativos garantidores, que é o que efetivamente acaba determinando o tamanho desse superávit.

É importante dizer que o reconhecimento que o Banco vem fazendo é um direito, está previsto na lei. Agora, nós estamos fazendo esse reconhecimento de uma maneira bastante conservadora. Duda, se você puder acrescentar algum comentário.

**Eduardo César Pasa:**

É basicamente o que o Geovanne já comentou, para 2010 o Banco vai fazer essa avaliação atuarial que a gente vinha fazendo de forma anual, o Banco vai antecipar isso para a base semestral de forma a não ter nenhum impacto tão relevante assim somente conhecido lá no final do ano. Então, essa expectativa é positiva, provavelmente na linha muito parecida com o que veio em 2008, com o que veio em 2009, provavelmente em 2010 o Banco espera um resultado muito parecido.

**Jorg Friedman:**

Está ótimo. Muito obrigado novamente.

**Eduardo Nishio, BCG Pactual:**

Obrigado pela oportunidade. Bom dia a todos e parabéns pelos resultados. A minha primeira pergunta é em relação aos compulsórios que estão sendo revisados pelo Banco Central. Eu queria saber de vocês a visão talvez um pouco mais qualitativa do impacto dessas revisões, já que vocês compraram bastante carteira lá atrás.

E a minha segunda pergunta é em relação ao *guidance*, se isso já contempla também a oferta. Obrigado.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Obrigado, Nishio, pela sua pergunta. O Banco do Brasil cresceu bastante de forma orgânica. É importante ressaltar. Não esperamos impactos significativos em relação a compulsórios, muito pelo contrário. Claro que aproveitamos as oportunidades que o mercado apresentou para nós e fizemos aquisições, mas você percebe que o grosso do nosso crescimento foi fundamentalmente orgânico, não dependíamos da aquisição de carteira para sustentar o crescimento do crédito como um todo.

Existe até uma tabela, que eu não estou localizando agora e, Gisele, se você puder me auxiliar, que a gente mostra exatamente o volume de crédito que foi comprado ao longo do período, e se você comparar com a carteira total do Banco, você vai perceber que não é relevante assim.

Agora, claro que isso é uma retomada, digamos assim, para o nível pré-crise, a gente já esperava isso, uma vez que a crise estivesse aí debelada. Então para nós, efetivamente, não vislumbramos nenhum problema e, claro, as oportunidades que aparecerem a partir de agora, não tendo mais o benefício do compulsório, a gente vai levar em consideração oportunidades comerciais, de mercado, levando em consideração risco, retorno, independentemente do *funding* que a gente utilizará, caso a gente decida fazer algum tipo de aquisição de carteira.



Em relação ao *guidance*, sua última pergunta, estou com o meu Diretor de Controladoria aqui, ele está confirmando. Nós não estamos contemplando aí um eventual aumento de capital, que poderia impactar alguns desses indicadores.

**Eduardo Nishio:**

OK. Muito Obrigado.

**Gisele:**

Geovanne, nós temos no nosso MG&A, na tabela 37, segregado no montante de carteiras adquiridas, tanto de consignado quanto de financiamento a veículos.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Obrigado, Gisele.

**Carlos Macedo, Goldman Sachs:**

Bom dia, Geovanne, bom dia a todos. Tenho duas perguntas, as duas se referindo a mudanças na estrutura do Banco no último ano através de aquisições e parcerias. A primeira é quanto à Nossa Caixa, nós vimos no 4T o resultado da Nossa Caixa operacional ser mais fraco, a carteira de crédito não cresceu tanto quanto a do Banco do Brasil como um todo. O número de clientes da Nossa Caixa caiu trimestre contra trimestre. Eu queria entender um pouco mais como é que está indo esse processo de integração, se isso daí é do processo de integração ou se houve alguma coisa de diferente, e como a gente pode imaginar a Nossa Caixa, a estratégia do Banco para São Paulo se desenvolvendo nos próximos trimestres.

Segundo, em relação a seguros, o anúncio com a Mapfre já tem algum tempo, eu queria saber se teve algum desenvolvimento na negociação com a SulAmérica para compra da participação deles na Brasil Veículos, ou uma resolução nesse quesito, e também no caso da Mapfre lá depois do acordo da Prudencial para o ramo de vida?

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Obrigado, Macedo, pela pergunta. Em relação à integração, é importante lembrar a todos que em novembro foi o prazo final para os funcionários da Nossa Caixa aderirem ao plano que nós oferecemos de desligamento e aposentadoria, e tivemos inclusive a contabilização de uma despesa em torno de R\$200 milhões, referentes ao plano de incentivos para desligamento e aposentadoria da Nossa Caixa. E criamos também uma diretoria, que é a diretoria São Paulo, que vai focar a partir de 2010 todos os negócios na região de São Paulo, incluindo aí os negócios provenientes da aquisição de Nossa Caixa e da parceria também com o Votorantim.

Então, de fato 2009 foi o ano de preparação da incorporação em si, houve todos os aspectos legais que nós tivemos que obedecer, acompanhar para fazer a absorção, e a partir de 2010 é quando efetivamente nós esperamos começar a trazer as sinergias de receitas. As de custo praticamente já foram incorridas ao longo de 2009 e as de receita, então, a gente espera.

Eu acredito que o Guilherme, o nosso gerente responsável pela questão das integrações – o Guilherme está na sala? – não pode vir? o que nós sabemos até o



momento é que nós temos um cronograma de integração das agências, esse cronograma prevê integração de todas as agências da Nossa Caixa até junho deste ano. Podemos sofrer algum tipo de atraso, vai depender da nossa velocidade, mas no máximo um mês atraso, ou seja, acreditamos que a partir de agosto de 2010 já estejamos com todas as agências integradas.

O Walter, o nosso Diretor, gostaria de fazer alguns comentários também.

**Walter Malieni:**

Carlos, talvez o que possa ser dito é que a Nossa Caixa tem uma expressividade muito grande para o benefício de carteira, que são carteiras de crédito consignado [*ininteligível*], mas mais consignados. E com o processo de corporação, nós buscamos na realidade ampliar seu campo com crescimento orgânico.

Então, desde março a gente vem fazendo um alinhamento das rotinas de crédito, de maneira que o processo fosse mais fácil [*ininteligível*] das agências. [*ininteligível*] de mudanças de regras de crédito [*ininteligível*] são alinhamentos por causa do Banco do Brasil, porque eu entendo que não impactou de maneira negativa a questão de resultados da Nossa Caixa. Provavelmente isso se deve a essa nova velocidade se haverá aquisição de carteira de outros bancos.

**Guilherme:**

Só para corroborar o que você falou, nós vamos iniciar agora a partir de março a virada das agências para o padrão do banco do Brasil, e isso vai nos possibilitar justamente começar a obtenção das sinergias que a gente tem que obter junto a esses clientes da Nossa Caixa.

Com relação a custos, obviamente nós já estamos buscando a realocação do pessoal. Tivemos cerca de 1.300 funcionários que optaram pelo plano de desligamento voluntário, e o processo de desligamento agora vai começar a acontecer. Nós já antecipamos algumas medidas no sentido de passar produtos para a plataforma do Banco do Brasil.

Desde o início da incorporação nós já passamos a utilizar o sistema de controle de despesa administrativa do Banco do Brasil; é um controle já focado em orçamento e bastante rígido do ponto de vista de gastos.

A partir de 29 de janeiro nós já passamos a trabalhar fundos de investimento, depósito a prazo e alguns serviço também na plataforma do Banco do Brasil. Isso já vai acontecer também agora a partir de fevereiro em alguns produtos, especialmente arrecadação e demais recebimentos. E a partir de março, então, fazemos mais uns *big bangs* de produtos para a plataforma do Banco do Brasil, e aí começamos a fazer a virada das dependências, que deve se encerrar, como o Geovanne mencionou, entre junho e julho deste ano.

**Carlos Macedo:**

Perfeito. Só uma pergunta, então: quer dizer que esse resultado de Nossa Caixa do 4T teve todos esses efeitos, então a gente pode esperar que a Nossa Caixa vai, a partir de, digamos, o 3T, ter um desempenho muito similar com o do Banco do Brasil, senão melhor, dado o impulso que o Banco do Brasil tem? É isso?



**Guilherme:**

Sem dúvida.

**Carlos Macedo:**

E quanto à seguridade?

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

É importante também lembrar que a Nossa Caixa passou a ser 100%, se eu não me engano, nos dois últimos meses do 4T, porque até então nós ainda estávamos naquele processo de *tender offer* para comprar a participação minoritária, ou quem não quisesse vender para a gente, converter em ações do Banco do Brasil.

Também lembrando que nós tivemos um 4T na Nossa Caixa pro forma, porque a partir de dezembro ela foi integralmente absorvida pelo Banco do Brasil.

Em relação à parte de seguros, Mapfre e SulAmérica, nós ainda continuamos negociando essa parte. Infelizmente nosso Diretor de Seguros teve que fazer uma viagem para o exterior e não pôde participar da nossa teleconferência, mas ele deixou o seguinte recado: a estratégia continua nessa busca de melhoria dessa participação desse negócio no resultado do Banco; o Banco do Brasil cada vez mais capturando uma maior parte do econômico dessas empresas; e as negociações ainda estão acontecendo, não está sendo fácil, é claro.

São acordos de acionistas que nós celebramos há mais de uma década e que nós temos que, a partir de agora, rever e cancelar e negociar essa saída. Nós ainda não temos um avanço significativo, que seria suficiente para a gente soltar algum tipo de aviso ao mercado.

**Carlos Macedo:**

Eu sei que é difícil, mas tem algum senso de timing?

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

É difícil. Confesso a você, eu preferiria não “chutar” nenhum número para vocês. Eu sei que ele está trabalhando bastante, e ele está correndo atrás dessas negociações todas; é o Marco Barros, nosso diretor de Seguros.

**Carlos Macedo:**

OK, obrigado.

**Carlos Firetti, Bradesco:**

Bom dia a todos. A maior parte das minhas perguntas foram respondidas. Só em relação ao *guidance* de vocês em carteira de crédito, diferente do que a gente está vendo em alguns dos seus outros competidores, tem uma ênfase bastante grande em pessoas físicas, ainda, um *guidance* de crescimento de 27% a 32%, e um *guidance* um pouco menor para pessoas jurídicas.



Eu queria entender, isso basicamente vocês estão apostando bastante fortemente no consignado, e a expansão do Banco Votorantim em veículos? Seria isso?

**Marco Geovanne Tobias:**

Eu vou pedir para o nosso Diretor de Empréstimos e Financiamentos, Nilson, para acrescentar. Mas antes de passar a palavra para ele, é importante dizer o seguinte: a nossa preocupação maior é em relação ao crédito total do Banco do Brasil. Esse *guidance* mostra muito a ênfase que o Banco vai dar no segmento de pessoas físicas.

Sabemos que a concorrência virá forte, competindo com o Banco, mas também não podemos esquecer que temos a perspectiva do crescimento orgânico proveniente da Nossa Caixa na região de São Paulo, por isso que nós criamos essa diretoria em São Paulo, junto também com o crescimento da carteira do Votorantim na parte de veículos, somados a um crescimento natural, orgânico, da estrutura do Banco do Brasil.

Como eu disse, esse *guidance* a partir de agora é a visão do Banco do Brasil conglomerado, incluindo as aquisições.

Nilson, você pode acrescentar alguns dados?

**Nilson Martiniano Moreira:**

OK. Em linha com o que você está falando, a nossa expectativa efetivamente para 2010 é crescer, continuar crescendo acima do mercado. Então, no caso do crédito de pessoa física, é o Banco continuar ganhando market share, e a estratégia é muito voltada para novas aquisições que temos feito.

Nós ainda temos uma base de convênios, de folhas de pagamento adquiridas de prefeituras, de clientes, de pessoas jurídicas, de Governo de Estado, que são muito recentes, então a gente tem uma possibilidade muito grande de avançar nesses novos negócios. Então, essa é uma frente importante. São Paulo é um bom exemplo também.

E também, basicamente o crédito de pessoa física do Banco do Brasil é hoje originado dentro de rede de agências, enquanto a gente sabe que boa parte do mercado já trabalha com originação fora, atuação com correspondentes bancários de uma forma mais enfática.

Então, nós, do Banco do Brasil, pretendemos também estender, avançar nessa esteira em 2010; ou seja, atuar mais fortemente também com promotores de vendas, avançar mais com nossos correspondentes bancários.

O próprio BV é um bom exemplo. Eles têm um promotor de vendas, fazem consignado, então nós imaginamos que existe uma boa possibilidade de sinergia também, e a gente espera já capturar isso a partir desse 1S10.

**Walter Malieni:**

Eu acho também importante frisar a estratégia que nós temos para o crédito imobiliário, uma estratégia agressiva. É uma carteira que tende a crescer bastante em 2010.





**Nilson Martiniano Moreira:**

Exatamente. Nós fechamos 2009 com R\$1,5 bilhão em carteira de crédito imobiliário, já considerando Nossa Caixa, também. Só Banco do Brasil, a gente fez no ano passado cerca de R\$800 milhões de incremento de carteira. Começamos com R\$100 milhões, fechamos 2009 com R\$900 milhões, só Banco do Brasil; somando Nossa Caixa, fomo as R\$1,5 bilhão.

Nossa expectativa para 2010 é dobrar essa carteira. O Banco do Brasil é um novo entrante nesse segmento, mas é um negócio muito importante para a estratégia do Banco do Brasil. O Banco é um banco de relacionamento de longo prazo e o crédito imobiliário é um negócio que simboliza essa estratégia. Então, para nós, o crédito imobiliário é muito importante.

Nós estamos, como nós novos entrantes, ajustando os nossos processos, investindo em tecnologia, estudando o modelo mais adequado, de forma que o Banco possa estar bem posicionado nesse segmento, onde é previsto um crescimento vigoroso a partir deste ano. E o Banco do Brasil também quer participar dessa oportunidade.

**Carlos Firetti:**

Uma pergunta adicional, em relação ao Banco Votorantim, eu queria que vocês falassem um pouco como está a questão da coordenação da operação no segmento de empresas. Vocês estão fazendo alguma espécie de coordenação de limites, considerando os limites do Banco do Brasil? Ou as duas operações estão ocorrendo totalmente independentes?

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Em relação à questão do Votorantim, a integração está mais forte principalmente no segmento de pessoa física, que é o nosso principal veículo, o motor desse crescimento. Na questão de pessoa jurídica, nós temos toda uma governança, mas existe uma atuação, os limites macro-setoriais – o nosso Diretor de Crédito está colocando aqui – estão sendo controlados.

Mas continua uma certa independência de atuação Banco do Brasil e Banco Votorantim; ainda não estamos focando na integração dessa parcela do *business*.

**Carlos Firetti:**

E uma última pergunta, se vocês me permitirem, em relação à provisão adicional, a gente viu nesse trimestre uma pequena redução. Queria saber se isso é uma coisa que a gente possa esperar para os próximos trimestres, vocês continuarem reduzindo essa provisão adicional.

**Walter Malieni:**

A redução que houve agora no 2S09 é fruto da aplicação do nosso modelo existente, de 2008. Então, na realidade, a gente fez uma redução em função de que a nossa metodologia prevê... A gente trabalha mais ou menos com 1.700 variáveis nessa metodologia, de acordo com o comportamento delas em relação aos *[ininteligível]* a gente faz o agravamento do excedente ou a redução.



Então, a expectativa é muito improvável, porque eu tenho que verificar dentro da minha sede histórica, que no próximo semestre vai chegar a cinco anos e meio, qual é relação dessas variáveis *vis-à-vis* o que foi feito na resolução 2682.

Então, a tendência, não tenho como te falar, porque é feita um análise dividida por cada produto, cada modalidade. A gente vai aplicar o modelo com uma rigidez que a gente aplicou até agora, desde 2008. Vai depender muito do crescimento da carteira, o perfil do crescimento, qual o produto que pode ter algum tipo de inadimplência ampliada, por alguma questão macro-setorial.

A questão é que nós temos usado efetivamente a provisão excedente como uma forma de proteção de capital econômico. Se for necessário provisionar mais, nós faremos. Se for necessário reverter porque a Superintendência mudou, nós faremos, mas dentro do modelo já existente.

**Carlos Firetti:**

OK. Muito obrigado.

**Mariana Barros, Banco Espírito Santo:**

Bom dia a todos. Na verdade, tenho duas perguntas. A primeira, eu queria entender um pouco melhor o que ocasionou o aumento do spread na carteira de agro, e a minha segunda pergunta é referente à receita de equalização. A gente teve um crescimento de 20%, mas por outro lado teve uma queda na carteira de agro, de 2,5%. Queria que vocês comentassem um pouco esse movimento. Obrigada.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Vou começar respondendo a sua pergunta, e pedir depois para o José Carlos fazer alguns comentários adicionais. Em relação ao spread, ele está muito ligado ao tipo de operação que você cresce, porque na medida em que eu tenho um aumento dos desembolsos e um crescimento mais focado para o segmento da pessoa física, do agricultor pessoa física, são operações que trazem um componente de margem maior do que o crédito agroindustrial para cooperativas, empresas etc.; além disso, o próprio volume de equalização recebido, que é uma função direta do volume de desembolsos.

Em relação à receita de equalização como um todo, José Carlos, você gostaria de fazer algum comentário?

A estimativa que a gente tem para a equalização nessa safra 2009/2010 se repetiu no mesmo volume da safra 2008/2009, e o aumento está muito ligado àquilo que eu falei, ao desembolso. Como você tem um volume de desembolso maior acontecendo, geralmente no 2S, 3T e 4T, você acaba recebendo, então, receita de equalização em um volume maior.

**Mariana Barros:**

OK, mas você então não tem nenhuma influência... Na verdade, a queda na carteira no trimestre é uma análise separada versus o crescimento da receita de equalização?



**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Sim, a queda também vai estar diretamente relacionada a baixa para perdas. Então, na medida em que você baixa para perda, você tem uma mudança no saldo. Mas a equalização é um volume determinado geralmente no início da safra, antes de iniciar os desembolsos da próxima safra, que leva em consideração o custo de oportunidade, a rentabilidade mínima do negócio, a despesa administrativa, riscos, outras variáveis.

E na medida em que você determina aquilo, aquilo entra para o orçamento do Governo, e você, na medida em que vai desembolsando as operações como uma parte subsidiada, que fazem jus ao recebimento da equalização é que você vai receber. Então, se você tem um desembolso maior em determinado período, você vai perceber um volume de receitas maior.

**José Carlos Vaz:**

Posso acrescentar uma coisa?

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Claro, por favor.

**José Carlos Vaz:**

Com relação ao spread, queria colocar uma questão também. Nós tivemos um retorno, de crédito agroindustrial, que costuma ter um spread médio menor, acima do esperado no final do semestre passado. Então, houve uma redução na participação da carteira de crédito industrial sobre a carteira global de agronegócio. Então, isso tem uma contribuição para o aumento do spread médio, porque o spread do crédito rural é maior do que o spread do crédito agroindustrial. Primeiro aspecto.

Segundo aspecto, com relação à equalização. A nossa carteira não é 100% equalizada. Ela tem um conjunto de várias fontes, a principal fonte é poupança, que tem depósitos à vista, tem um pouco de fundo constitucional para o Centro-Oeste, BNDES e [ininteligível], conforme está aberto nas nossas demonstrações, e o [ininteligível].

E nós tivemos um desembolso mais forte de operações equalizadas no 2S; ou seja, o *mix* do desembolso, que pode ser feito por depósito à vista e poupança equalizada, então teve uma participação maior do [ininteligível] equalizados, que leva à ocorrência desse aumento do volume de equalização.

Depois, você tem componentes dentro da metodologia de equalização que observam as questões de variação da taxa de juros de mercado, da TJLP, da BM&F, então isso também tem o seu efeito.

Mas, como o Geovanne falou, ao longo do tempo a gente coloca que os volumes da equalização ao longo de um ano, ou seja, se você está trabalhando com 12 meses móveis, a tendência é de uma certa linearidade. Você está trabalhando com uma média de 12 meses móveis, a tendência é de que a linha se mantenha mais ou menos na mesma.



**Mariana Barros:**

Está bom. Obrigada. Só uma última pergunta: por acaso, vocês saberiam me dizer, para 2009, quanto foi o superávit da Previ, dado que vocês tiveram esse ganho atuarial de R\$3 bilhões?

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Tem uma nota explicativa, se eu não me engano, a 28, a gente faz umas associações financeiras que fazem toda essa abertura. Duda, não sei se você sabe de cabeça o valor, você poderia acrescentar, por favor?

**Eduardo César Pasa:**

Sobre o superávit da Previ, ele ainda não foi divulgado. Ele será divulgado nos próximos dias, o valor encontrado. Mas ele é um superávit bem robusto e de um valor bem considerável. Na nossa nota explicativa 28, pelos parâmetros utilizados, de acordo com a CVM 371, o superávit alcançou a ordem de R\$57 bilhões, sendo que a metade desse valor é atribuível ao Banco, na ordem de R\$28 bilhões.

Desses R\$28 bilhões, o Banco já reconheceu somente R\$12 bilhões. Obrigado.

**Mariana Barros:**

OK, perfeito. Obrigada pelas respostas.

**Operadora:**

Não havendo mais perguntas, passo a palavra ao Sr. Marco Geovanne para as considerações finais.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Eu agradeço a presença de todos, e lembro que qualquer necessidade de mais informações sobre o Banco do Brasil, não deixe de contatar nossa equipe de RI ou visitem o nosso *website*, [www.bb.com.br/ri](http://www.bb.com.br/ri). A todos um bom final de semana, e até a próxima.

**Operadora:**

A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos, e lembramos que o material utilizado nesta teleconferência está disponível no Portal Banco do Brasil, na página de Relações com Investidores. Obrigada pela participação. Tenham todos um bom dia.

"Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição."